



TEIXEIRA, JUDITH. *POESIA E PROSA*. ORG. E ESTUDOS INTRODUTÓRIOS DE CLÁUDIA PAZOS ALONSO E FABIO MARIO DA SILVA. LISBOA: DOM QUIXOTE, 2015.

Elisangela STEINMETZ¹

Nos versos de “Conta-me Contos”, de Judith Teixeira, (“Vem! Vem de mansinho... (...) Vem contar-me contos...”) temos um eu lírico solicitante e sedutor que pede que lhe sejam narradas histórias de aventuras e que deseja, enquanto as escuta, ficar na penumbra (“Deixa-me ficar/nesta penumbra, nesta meia luz.”) convocando para um outro o papel de “narrador”, papel que ao longo dos versos o eu lírico simultaneamente assume, já que anuncia o tipo de aventuras com as quais quer sonhar (“Depois... deixa-me sonhar...”). Não resistimos dizer que, entre os versos de Judith, esses estão entre os mais imagéticos, talvez, porque evocam esse encantamento literário que conhecemos tão bem das narrativas e que nos lembram de Sherazade. Mas, especialmente, porque parecem anunciar a um só sopro o desejo pela escrita e, também, a voz lírica e narrativa da escritora, que seguirá se desdobrando na arte, no desejo (ali ensaiado) de criar e de seduzir. De modo que, não por acaso, esses versos figuram logo no início da sua primeira coletânea (*Decadência* – 1923). Mas, os sonhos e as vozes que ardem numa escrita exuberante e incomum às mulheres da sua época estiveram por longo tempo condenados ao silêncio e distantes do seu rumo natural: o leitor. Um silêncio que aos poucos foi sendo rompido com o surgimento de um ou outro estudo. E que, finalmente, em 2015, foi definitivamente ultrapassada tal barreira com a publicação da obra da poetisa com inéditos e com os melhores estudos introdutórios das suas obras impressas até hoje.

Assim, *Poesia e Prosa*, de Judith Teixeira, obra organizada por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, publicada pela editora Dom Quixote (2015), permite pela primeira vez, aos leitores, em um único livro, ter acesso aos textos de *Decadência* (1923), *Castelos de Sombra* (1923), *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), *De Mim* (conferência, 1926), *Satânia*

¹ Doutoranda da Universidade de Lisboa.



(novelas, 1927), além de uma conferência inédita intitulada *Da Saudade* e um conjunto de poemas, até então, inéditos. Além disso, temos os estudos apresentados pelos organizadores que iluminam a leitura das obras permitindo que vislumbremos um pouco da história da escrita de Judith Teixeira. Ao todo, são quatro textos apresentados como “Estudos Introdutórios”, que notavelmente revelam a dedicação e o esmero na elaboração do livro.

Cláudia Pazos Alonso é professora de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Oxford. E, conforme nos relata, foi durante a realização da sua tese de doutoramento (estudo sobre Florbela Espanca) que travou contato com o texto de Teixeira: “sempre que passava uma temporada em Lisboa a fazer pesquisa, dava por mim nos alfarrabistas, tentando descobrir exemplares de livros cobertos de pó, há muito caídos no esquecimento. Foi assim que consegui adquirir as três coletâneas da poesia de Judith Teixeira” (ALONSO, 2015, p. 205). Nessa altura, Alonso encontra um caderno com poemas inéditos da autora e através do estudo introdutório da edição da *Dom Quixote* apresenta a disposição dos poemas, as marcações, as rasuras e as anotações de datas, dando ao leitor intimidade no processo de elaboração em que atuava Teixeira. Já no estudo intitulado “Judith Teixeira: um caso modernista insólito”, a pesquisadora contextualiza a obra da autora no movimento modernista português e mostra como Teixeira teve uma relação invulgar dentro do quadro da época, apontando algumas relações entre textos da escritora e de seus contemporâneos; registra que a escritora publica textos em periódicos e lança a revista *Europa*, da qual foi diretora. Além de ter escrito duas conferências (*De Mim* e *Da Saudade*) que, como afirma Cláudia Pazos Alonso, “prova (...) um protagonismo inusitado para a época” (ALONSO, 2015, p. 23). Dessa forma, o desejo expresso pela pesquisadora de “questionar o cânone literário português” (ALONSO, 2015, p. 205) é, mais uma vez, cumprido, visto que realiza um precioso contributo para o resgate de Judith Teixeira, autora que teve a sua primeira obra condenada.

Por sua vez, Fabio Mario da Silva, professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco e pesquisador do Centro de Literatura Comparada Margarida Losa da FLUP, apresenta dois estudos “O manuscrito da saudade” numa análise sobre a conferência *Da Saudade* (texto inédito) em que, entre outros aspectos, o ensaísta destaca a singularidade do tratamento dado ao tema: “O conteúdo é uma rejeição da saudade que é, naturalmente, ainda invulgar para o período” (SILVA, 2015, p. 253). Apresenta, também, o cuidado com a elaboração e o refinamento do texto por parte de Judith Teixeira, notado a partir da



observação das emendas realizadas, em diferentes momentos, pela escritora. Já no estudo intitulado “Judith Teixeira: entre o modernismo e o feminismo”, o pesquisador aborda aspectos da obra de Teixeira que constituem tanto uma inserção no modernismo e futurismo (“Tanto as conferências como as novelas desta autora apresentam um conflito operado entre a sociedade e as ideias libertárias futuristas”, SILVA, 2015, p. 267); quanto “laivos de um certo feminismo” (SILVA, 2015, p. 267) “que fazem o leitor repensar o papel da mulher na sociedade do começo do século XX.” (SILVA, 2015, p. 268). Enfatiza-se ainda o tratamento dado ao corpo feminino na escrita judithiana como chave de leitura central para ler a sua obra em verso e prosa.

Assim, a obra *Poesia e Prosa* contribui em relevantes aspectos para a melhor percepção do papel feminino, através de Judith Teixeira, na sociedade e na arte no começo do século XX. Mas o trabalho sobre a autora não cessa e já foi anunciado, recentemente, num artigo do jornal português *Observador*, que haverá uma segunda edição portuguesa revisada pela Dom Quixote, e uma edição brasileira da obra completa, tornando-se assim as principais referências nos estudos judithianos.